

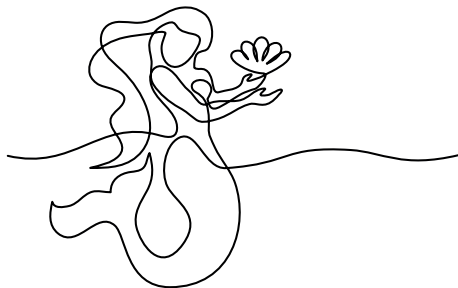
BARBARA O'NEAL

QUANDO ACREDITÁVAMOS EM SEREIAS

Uma emocionante história
sobre duas irmãs, um oceano
de mentiras e uma jornada
em busca da verdade.



Principis



Kit

Minha irmã está morta há quase quinze anos quando a vejo no noticiário da tevê.

Faz seis horas que meu turno no pronto-socorro começou e estou atendendo jovens que se feriram em uma briga durante uma festa na praia. Dois ferimentos a bala, um osso malar esfrangalhado, um pulso quebrado e inúmeras escoriações faciais de diferentes níveis de gravidade.

Quando terminamos a etapa de triagem, eu já tinha suturado aqueles que tiveram mais sorte. Os outros foram direto até a sala de cirurgia ou para as enfermarias, e eu me esgueirei até a salinha de descanso, para pegar um Mountain Dew na geladeira, minha forma preferida de ingerir açúcar e cafeína.

A televisão disposta na parede transmite a notícia de uma catástrofe em algum lugar. Encaro a tela, totalmente absorta nos meus próprios pensamentos, enquanto tomo o refrigerante doce e pegajoso. Já é noite. As chamas se elevam no fundo da imagem. As pessoas correm e gritam, enquanto um repórter com cabelos desgrenhados, vestido com uma jaqueta de couro *vintage*, transmite a notícia com seriedade.

E ali, bem acima do ombro esquerdo do homem, está a minha irmã.

Josie.

Por um longo segundo, ela olha para a câmera. É tempo suficiente para que não restem dúvidas de que é mesmo a minha irmã. Os cabelos lisos e louros, agora com um corte elegante que mal chega à altura dos ombros... os olhos escuros ligeiramente oblíquos, as maçãs do rosto proeminentes e a boca carnuda de Angelina Jolie... A beleza dela sempre chamou a atenção de todos, e a culpada disso é essa combinação de claro e escuro, de ângulos e suavidade. Ela é a mistura perfeita de nossos pais.

Josie.

É como se ela estivesse olhando, através da tela, diretamente para mim.

E, no instante seguinte, ela já desapareceu, e a catástrofe continua. Permaneço encarando, boquiaberta, o lugar vazio que ela deixou, estendendo o Mountain Dew à minha frente como uma oferenda ou um brinde.

A você, Josie, minha irmã.

Em seguida, meu corpo estremece. Acontece o tempo todo. Todo mundo que perdeu alguém que ama já passou por isto: o rosto no meio da multidão em uma rua movimentada, a pessoa no supermercado que se movimenta de forma parecida... A pressa para alcançá-la, inundada de alívio por ela ainda estar viva...

E então tudo desmorona quando o impostor se vira e o rosto não é o esperado. Os olhos. Os lábios. Não é Josie.

Devo ter passado por isso uma centena de vezes no primeiro ano, principalmente porque nunca encontramos o corpo. Seria impossível, dadas as circunstâncias. Também seria impossível que ela tivesse sobrevivido. Não encontrou seu fim em um acidente de carro corriqueiro ou ao saltar de uma ponte, embora tenha ameaçado fazer essas duas coisas com certa frequência.

Não: Josie foi dizimada em uma explosão terrorista, em um trem europeu. Ela se foi. Para valer.

É por isso que fazemos funerais. Precisamos desesperadamente ver a verdade por nós mesmos, ver o rosto da pessoa amada, mesmo que esteja arruinado. Caso contrário, é difícil demais de acreditar.

Levo o Mountain Dew até os lábios e tomo um longo gole da coisa que compartilhávamos, esse lembrete particular de tudo que significávamos uma para a outra, e digo a mim mesma que não passam de esperanças vãs.

* * *

Quando saio do hospital na quietude que precede o amanhecer, estou esgotada, tão exausta quanto agitada. Se quiser dormir um pouco antes do próximo turno, primeiro preciso processar os acontecimentos daquela noite sinistra.

Paro na minha casinha em Santa Cruz, 125 metros quadrados nas redondezas de um bairro que não é lá grande coisa, e visto meus trajes de mergulho. Dou meia lata de ração úmida para o pior gato do mundo e aliso a gororoba com os dedos. Ele ronrona em agradecimento, e eu dou uma puxadinha carinhosa em seu rabo.

– Tente não fazer xixi em nada muito importante, hein?

Hobo pisca.

Coloco a prancha no jipe e dirijo rumo ao sul, e só me dou conta de que estou seguindo para a enseada quando chego lá. Estaciono em um espaço improvisado ao lado da rodovia e baixo o olhar para fitar a água. Vejo poucas pessoas por lá, pois o dia ainda está amanhecendo. A água é fria no norte da Califórnia, onze graus no início de março, mas as ondas estão alinhadas até o horizonte. Perfeito.

A trilha começa onde antes ficava a calçada do restaurante e desce a encosta íngreme em um zigue-zague entalhado a poucos metros da falésia onde costumava haver uma escadaria, nosso acesso privado à enseada isolada e escondida. A encosta é instável e, como todos os locais sabem, tem

a fama de ser mal assombrada. Não há mais ninguém ali além de mim. Mas, bem, eu conheço os fantasmas.

No meio da descida, paro e olho para trás, para o local onde ficava nossa casa, assim como para o restaurante com o célebre terraço e a melhor vista do mundo. De ambas as construções sobraram apenas tábuas apodrecidas e escombros espalhados encosta abaixo, a maior parte arrastada pelas tempestades ao longo dos anos, e o restante escurecido pela ação do tempo e da água do mar.

Na minha imaginação, as construções ainda se elevam em uma beleza espectral, o vasto Éden com o terraço magnífico e, acima dele, a nossa casinha. Josie e eu passamos a dividir um quarto depois da chegada de Dylan, e nenhuma de nós se importava com isso. Vejo os fantasmas de nós todos quando éramos felizes: meus pais perdidamente apaixonados, minha irmã radiante e repleta de energia ilimitada, e Dylan, com o cabelo penteado para trás e preso com uma tira de couro, apostando corrida conosco esca-da abaixo para irmos à praia acender uma fogueira e assar *marshmallows* e cantar. Ele adorava cantar e tinha uma bela voz. Sempre dizíamos que deveria se tornar um astro do rock, mas ele declarava que não queria nada além do Éden, de nós e da enseada.

Também vejo a mim mesma, uma garota de sete anos com muito cabelo, rodopiando na praia sob um céu borrado de azul e branco.

Um milhão de anos atrás.

O restaurante da nossa família se chamava Éden, exclusivo e abrangente ao mesmo tempo, frequentado por estrelas *hippies* de cinema e seus traficantes. Nossos pais também pertenciam àquele mundo; estrelas em suas próprias áreas, cada um exercendo o poder em seus próprios termos. Meu pai, o chefe de cozinha alegre e acolhedor, com uma risada calorosa e hábitos excessivos; minha mãe em seus braços, uma coquete encantadora.

Josie e eu corríamos de um lado para outro feito cachorrinhos, caindo no sono na praia da enseada quando ficávamos cansadas, fora de vista

e ignoradas. Minha mãe era uma mulher deslumbrante, que fora até o restaurante para jantar com outro homem e se apaixonara por meu pai no mesmo instante, ou pelo menos é o que dizem. Se você conhecesse meu pai, saberia que a história é totalmente plausível. Tinha um carisma contagiante, um *chef* italiano charmoso e gigantesco, embora as pessoas o chamassem de cozinheiro naquela época. Ou de dono de restaurante, o que ele era mesmo. Minha mãe o amava em demasia, muito mais do que nos amava. Meu pai nutria uma paixão intensa, sexual e possessiva por ela... mas se era amor? Não sei.

Sei, no entanto, como é difícil ter pais obcecados um pelo outro.

Josie prosperava em meio ao drama, igualzinho aos meus pais. Tinha o carisma desmedido do meu pai e a beleza da minha mãe, embora nela a combinação tenha se tornado algo extraordinário. Único. Perdi as contas de quantas vezes ela foi desenhada, fotografada e pintada, por homens e mulheres, e de quantas vezes eles acabaram se apaixonando por ela. Sempre achei que Josie seria uma estrela de cinema.

Mas, em vez disso, ela transformou a própria vida em um dramalhão ruinoso, assim como nossos pais, com um fim catastrófico à altura.

A enseada continua lá, é claro, mesmo que a escadaria tenha desaparecido. Calço minhas botas e prendo o cabelo pesado em uma trança grossa. A luz se esparrama em raios cor de pêssego no horizonte, enquanto remo ao redor das rochas e me posiciono na linha de surfe. Só há mais três pessoas além de mim. O ataque brutal de tubarão que aconteceu algumas semanas atrás diminuiu a quantidade de surfistas dispostos a se arriscar, não importa quanto as ondas estejam incríveis.

E elas estão realmente incríveis. Quase três metros de altura, com uma crista vítrea que é muito mais rara do que as pessoas acham. Dou algumas braçadas em cima da prancha e espero a minha vez. Em seguida, entro na linha e me ponho de pé para surfar bem na beirada. Eu vivo por este momento: aquele instante em que não há mais nada na minha cabeça. Não

resta mais nada. Só eu, a água, o céu e o som da arrebentação ondulante. O som da minha respiração. A borda da prancha deslizando pela água fria ao redor dos meus tornozelos, mesmo com as botas. Fria como o gelo. Equilíbrio perfeito, arrepios, fios de cabelo fustigando minha face.

Por uma hora, talvez mais, eu me perco nisso. Céu, mar e amanhecer. Dissolvo-me. Não existem eu, nem corpo, nem tempo, nem história. Apenas o deque da prancha e os dedos dos pés e ar e água e suspensão... e então as coisas mudam.

A onda quebra de forma inesperada, tão rápido e com tanta força que sou atirada para dentro da água. O turbilhão das ondas crescentes martela meu corpo, minha cabeça e a prancha, que afunda muito perto de mim, algo dotado de um poder perigoso que poderia partir minha cabeça ao meio.

Amoleço o corpo e prendo a respiração, deixando a água me envolver com sua espuma. Resistir pode acabar com você. Levá-lo à morte. A única forma de sobreviver é se soltar. O mundo gira, para cima e para baixo, de um lado para outro, por momentos infundáveis.

Dessa vez, vou me afogar. A prancha puxa meu tornozelo, arrastando-me para outra direção. Algas marinhas se enrolam nos meus braços, rodam ao redor do meu pescoço...

O rosto de Josie aparece na minha frente. Exatamente como era quinze anos atrás. Exatamente como estava na televisão na noite anterior.

Ela está viva.

Não sei como. Só sei que é verdade.

O oceano me expelle para a superfície, e puxo o ar para os pulmões ávidos por oxigênio. Quando chego à enseada, já estou exausta e caio de barriga na areia da área protegida, descansando por um minuto. Ao meu redor estão as vozes da minha infância. Eu, Josie e Dylan. Nosso cachorro, Cinder, uma mistura de labrador preto com outra raça, brinca à nossa volta, molhado, fedorento e feliz. A fumaça da cozinha do restaurante enche o ar com uma sensação de possibilidades reconfortantes, e ouço uma

música fraca, abrindo caminho em meio a gargalhadas de outrora. Quando me sento, tudo para, e só restam os destroços daquilo que ficou para trás.

Uma das minhas lembranças mais antigas é de meus pais entregues a um abraço apaixonado. Não devia ter mais que três ou quatro anos. Não tenho certeza em relação ao local em que estavam, mas lembro-me de minha mãe pressionada contra a parede, a blusa levantada e as mãos de meu pai envolvendo seus seios. Os dois se beijavam com tanta avidez que pareciam animais, e assisti fascinada por um segundo, dois, três, até que minha mãe emitiu um ruído estridente e eu gritei: “Parem com isso!”.

Quando me sento no quintal de casa uma hora depois, com o cabelo molhado do banho, a memória flutua em minha mente. Beberico uma xícara de café quente e adocicado e dou uma olhada nas notícias no meu iPad. Hobo está sentado na mesa ao meu lado, os olhos amarelos brilhantes e o rabo preto balançando. É um gato feral de sete anos. Ele tinha cinco ou seis meses quando o encontrei, faminto, acabado, praticamente morto na porta dos fundos da minha casa. Agora, ele só sai se eu estiver junto, e come em todas as refeições. Distraidamente, acaricio-lhe as costas, enquanto ele mantém o olhar fixo nos arbustos próximos à cerca. Os pelos são longos e sedosos, todos pretos. É incrível como não me sinto sozinha quando estou com ele.

O acidente veiculado pelo noticiário tratava-se de um incêndio em uma boate em Auckland. Dezenas de pessoas morreram, algumas quando o teto desabou sobre o público, outras pisoteadas pela multidão em fuga. Não há mais detalhes. Com a sensação estrondosa de um trem vindo na minha direção, clico nas fotos, à procura do apresentador que vi na noite anterior. Nada.

Afundo-me na cadeira e tomo mais um gole de café. Os raios intensos do sol de Santa Cruz derramam-se através do eucalipto acima e criam padrões nas minhas coxas, que estão muito brancas, já que estou sempre no pronto socorro ou metida em trajes de mergulho.

Não é Josie, penso, de forma racional.

Estendo as mãos em direção ao teclado, prestes a pesquisar outra coisa, e me interrompo. Depois que Josie morreu, passei meses vasculhando a internet em busca de qualquer indício de que ela pudesse ter sobrevivido ao acidente cataclísmico de trem. A explosão tinha sido tão intensa que não conseguiram identificar todos os restos mortais, e como acontece com mais frequência do que os socorristas e a polícia admitem, houve muita especulação. Seu ente querido estava lá; não a encontramos. Tudo indica que ela morreu.

Passado um ano, minha necessidade inquietante de procurar minha irmã amainou, mas não podia evitar o nó que se formava em minha garganta quando pensava tê-la visto no meio de alguma multidão. Depois de dois anos, terminei a residência no Hospital Geral de São Francisco e voltei para Santa Cruz, onde comecei a trabalhar no pronto-socorro e comprei uma casa não muito longe da praia, para que pudesse ficar de olho na minha mãe e construir uma vida normal e tranquila. As únicas coisas que sempre quis: paz, calma e previsibilidade. Passei por dramas suficientes durante a infância.

Minha barriga ronca.

– Venha cá, garoto – digo para Hobo. – Vamos tomar café da manhã.

Moro em uma casinha de estilo espanhol com dois quartos, localizada em um bairro que beira locais que é melhor evitar à noite. Troquei os eletrodomésticos antigos e os armários que estavam bem ruins e restaurei os esplêndidos azulejos. Estou cogitando preparar panquecas para o café da manhã quando meu celular vibra sobre a bancada.

– Oi, mãe – digo, abrindo a geladeira. Vejo que não há ovos. Então pergunto: – Tudo bem?

– Kit – começa ela, seguida por uma breve pausa. Foi o suficiente para me fazer levantar a cabeça. – Por acaso você assistiu às notícias sobre o incêndio que aconteceu naquela boate na Nova Zelândia?

Meu coração afunda, despencando em queda livre até o centro da Terra.

– O que tem?

– Sei que é ridículo, mas juro que vi sua irmã em uma das filmagens.

Segurando o telefone junto ao ouvido, olho pela janela da cozinha para as folhas ondulantes do eucalipto, para as flores que plantei cuidadosamente ao longo da cerca. Meu oásis.

Se fosse qualquer outra pessoa além da minha mãe, eu ignoraria, sairia correndo, evitaria falar sobre esse assunto em particular, mas ela fez o que tinha de fazer. Todos os passos dos Alcoólicos Anônimos, mais de uma vez. Está sóbria e verdadeira e triste. Em respeito a ela, respiro fundo e respondo:

– Eu também vi.

– Será que ela está viva mesmo?

– Provavelmente não é ela, mãe. Vamos manter a calma e não alimentar nossas esperanças, está bem? – Minha barriga ronca. – Tem comida aí? Fiquei no pronto-socorro até as quatro, e não tem absolutamente nada para comer aqui em casa.

– Que estranho – comenta ela, com seu jeito engraçadinho.

– Rá. Se você cozinhar alguns ovos para mim, irei até aí para conversarmos sobre esse assunto pessoalmente.

– Tenho que trabalhar às duas, então venha logo.

– Ainda não são nem onze horas.

– Arrã.

– Não vou me maquiarr – aviso. Ela sempre repara nisso.

Mesmo agora.

– Eu não ligo – retruca ela, mas sei que liga, sim.

Dá para ir até lá a pé – outro motivo pelo qual comprei aquela casa –, mas vou de carro para ela não se preocupar. Comprei o apartamento para ela alguns anos atrás. É um tanto antiquado, os quartos são relativamente pequenos, mas as janelas do cômodo frontal fornecem uma vista ampla do Pacífico. O som do mar a acalma. É algo que compartilhamos, essa avidez profunda pelo oceano. Nada mais é capaz de aplacá-la.

Quando avista meu carro, minha mãe vai até a varanda apinhada de plantas. Está usando calça capri amarela e blusa branca listrada com o mesmo tom ensolarado. Os cabelos – ainda espessos e saudáveis, louros e com mechas grisalhas – estão presos em um coque, como o de uma mãe jovem. Parece perfeito, mas o rosto revela os anos difíceis que viveu, toda a exposição ao sol pela qual passou. Não faz diferença. Ela é magra, tem pernas longas e seios fartos, e os olhos deslumbrantes, semelhantes a joias, não perderam nem um pouco do brilho. Ela tem sessenta e três anos, mas, sob a luz difusa da varanda modesta no andar de cima, parece ter uns quarenta.

Subo a escadaria externa, que desemboca no apartamento no segundo andar, lançando um olhar automático na direção do mar para conferir como estão as ondas. Não há nenhum surfista, mas muitas crianças e famílias brincam ao longo das margens da água levemente agitada.

– Você parece cansada – comenta ela, fazendo sinal para eu entrar.

Os cômodos estão atulhados de plantas de vários tipos. Orquídeas são a especialidade de minha mãe. É a única pessoa que conheço capaz de fazer as orquídeas estarem sempre em flor. Deixe a falar por meio segundo e ela vai enumerar os vários gêneros diferentes: *Cattleya*; *Phalaenopsis*, sua preferida; a bela e delicada *Laelia*... todas com os nomes latinos apropriados.

– Noite longa – respondo.

Sinto o aroma de café assim que entro, e sigo em direção à cafeteira. Sirvo café na caneca que já estava separada, aquela que ela guarda para mim: uma caneca verde pesada com uma estampa de “Havaí” na frente. Há ovos e pimentões fatiados sobre a bancada.

– Sente-se – diz ela rapidamente, amarrando um avental ao redor da cintura. – Vou fazer omelete, está bem?

– Mais do que bem. Obrigada.

– Abra o meu *laptop* – instrui ela, pondo um pouco de manteiga na pesada frigideira de ferro. – Eu salvei o vídeo.

Faço o que ela pediu, e lá está a reportagem que vi na noite anterior. A cena caótica, os gritos e o barulho. O repórter de jaqueta. O rosto atrás

do ombro dele, olhando diretamente para a câmera, por três segundos contínuos. Um, dois, três. Assisto, depois volto e assisto de novo, contando. Três segundos. Se eu pausar o vídeo enquanto o rosto está em foco, é impossível confundir.

– Ninguém poderia ser tão parecida com ela – declara minha mãe, olhando por cima do meu ombro. – E ter a mesma cicatriz.

Fecho os olhos, como se, com isso, o problema fosse desaparecer. Quando os abro, lá está ela, congelada no tempo, a cicatriz irregular que vai do couro cabeludo até a sobrelanceira e para na têmpora. Foi um milagre ela não ter perdido o olho.

– Sim – respondo. – Você tem razão.

– Você tem de ir atrás dela, Kit.

– Isso é ridículo – protesto, embora esteja pensando exatamente a mesma coisa. – Como eu a encontraria? Há milhões e milhões de pessoas em Auckland.

– Conseguiria encontrá-la. Você a conhece.

– Você também.

Ela meneia a cabeça e se empertiga.

– Você sabe que não viajo.

Fecho a cara.

– Faz quinze anos que você está sóbria, mãe. Daria tudo certo.

– Não, não posso. Você é que tem de fazer isso.

– Eu não posso simplesmente ir para a Nova Zelândia. Tenho um emprego e não posso deixá-los na mão. – Afasto o cabelo do rosto. – E o que vou fazer com o Hobo?

Sinto uma pontada no coração. Consigo dar um jeito no trabalho, já que não tiro uma folga há três anos, mas meu gato vai definhar sem mim.

– Eu fico na sua casa.

Olho para ela.

– Vai ficar lá ou só ir de manhã e à noite para dar comida para ele?

– Vou me mudar para lá. – Ela coloca a omelete, fumegante e lindamente cravejada de pimentão, sobre a mesa. – Venha comer.

Fico de pé.

– Ele provavelmente vai passar o tempo todo escondido.

– Tudo bem. Ao menos vai saber que não está sozinho. E talvez, depois de um ou dois dias, ele saia do esconderijo para dormir comigo – ela rebate.

O cheiro de cebola e pimentão envolve meu corpo, e ataco os ovos com a voracidade de um garoto de dezesseis anos, um turbilhão de lembranças na mente. Josie se curvando, quando éramos pequenas, para ver se eu já tinha acordado, os longos cabelos fazendo cócegas no meu pescoço; sua risada exuberante; ela jogando um graveto para Cinder buscar. Meu coração está doendo de forma literal, não metafórica – uma carga de lembranças e saudade e raiva assoma sobre ele com tanta força que sou obrigada a fazer uma pausa, largar o garfo e respirar.

Minha mãe permanece sentada em silêncio. Lembro me de sua voz quando me contou que Josie tinha morrido. Vejo que a mão dela está ligeiramente trêmula. Como se quisesse disfarçar, como se essa fosse uma manhã normal repleta de coisas normais, ela levanta a xícara em direção à boca.

– Você foi surfar?

Assinto com a cabeça. Nós duas sabemos que é isso que faço para processar as coisas. Para me conformar com elas. Para continuar vivendo.

– Fui. Estava maravilhoso.

Ela se senta na única outra cadeira disponível à mesa. O olhar está fixo no oceano. A luz incide sobre sua boca, com expressão séria, e de repente me lembro dela rindo com meu pai, os lábios vermelhos e largos, enquanto dançavam aos rodopios no terraço do Éden. Suzanne sóbria é uma criatura muito melhor que Suzanne bêbada, mas às vezes sinto falta da exuberância que ela exibía naquela época.

– Eu irei – declaro, talvez esperando ver um indício daquela mulher mais jovem.

E, por um único momento, vejo uma faísca cintilar em seus olhos. Ela estende o braço em minha direção, e pela primeira vez deixo que segure minha mão. Dou um apertãozinho na mão dela em um leve acesso de generosidade.

– Você promete que vai mesmo morar na minha casa? – pergunto.

Ela leva a mão livre ao coração e depois a levanta em um gesto solene de juramento.

– Prometo.

– Tudo bem. Vou partir assim que possível. – Uma onda de expectativa e terror arrebenta no meu peito e respinga nas minhas entranhas. – Puta merda. E se ela ainda estiver viva?

– Bem, nesse caso... acho que terei de matá-la – diz Suzanne.

Josie Bianci morreu há quinze anos em um ataque terrorista. Ela se foi para sempre. Isso era o que a irmã dela, uma médica plantonista em Santa Cruz acreditava. Até que uma fração de segundos vira o mundo de Kit de cabeça para baixo. Durante a cobertura do incêndio em uma boate em Auckland, uma mulher aparece caminhando entre a fumaça e os escombros. A associação com Josie é inevitável, não há como negar. É inconfundível. Junto da imagem, uma enxurrada de emoções atinge Kit – luto, perda e raiva.

Depois de chegar à Nova Zelândia, Kit começa sua jornada acompanhada de memórias do passado: os dias vividos na praia com Josie; o adolescente perdido que fez parte de sua família e o trauma que assombrou as duas irmãs por toda a vida.

Agora, se as duas irmãs se reencontrarem, segredos podem ser revelados e talvez seja preciso encarar a devastadora verdade que as separou por tanto tempo. Para reconquistar seu relacionamento, elas podem ter que perder tudo.

Adquira o seu exemplar e conheça a obra completa

    [livrosprincipis](#)



Principis